Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data ___/___/___
Cod. C2D00012

GRUPOS INDÍGENAS DA BACIA [illegible]

INFORMES PRELIMINARES

Dra. ILKA VIEIRA - Universidade de São Paulo

Prof. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES - Museu Emílio Goeldi.

COORDENADORES

Dr. DAIMO DE ABREU DALLARI — Universidade de São Paulo e Comissão Justiça e Paz

Dra. ADÉLIA ENGRÁCIA DE OLIVEIRA - Museu Emílio Goeldi

Profa. RUCINA IGLO MULLER - Sociedade Brasileira de Indigenistas

Prof. RAFAEL JOSÉ DE MENEZES BASTOS - Universidade de São Paulo

Sr. GUILHERME [illegible] - Desenhista, Museu Emílio Goeldi

Acervo ISA

GRUPOS INDÍGENAS DA BACIA DO RIO XINGU

INTRODUÇÃO:

A ocupação da Bacia do Xingu, em toda a sua extensão, por grupos tribais de tradição cultural diversa é muito antiga. Tal fato pode ser verificado através de sítios arqueológicos, da tradição oral e mitológica das próprias comunidades e também pelos relatos de viajantes e cientistas dos séculos XVII, XVIII, XIX. atualmente, podem ser destacadas tres grandes áreas de ocupação indígena, junto à esta Bacia Hidrográfica:

BAIXO XINGU

- município de Altamira: aqui se localizam quatro grupos indígenas preliminarmente conhecidos - os ARARA, os ASSURINI, os ARAWETÉ, os KARARAÔ.
- município de Senador José Porfírio - "a priori" possui em seus limites um único agrupamento indígena, os XIKRIN do Rio Bacajá.
- área de transição na zona xinguano-tocantina: aqui se localizam alguns grupos tribais não-contatados, se sobressaindo pelas informações colhidas os índios PARAKANÃ (provavelmente em dois agrupamentos) e ASSURINI.

MÉDIO XINGU

- municípios de Altamira e São Félix do Xingu; nesta sub-região se localizam conhecidamente várias comunidades do sub-grupo KAYAPÓ, a saber: GAROTIRE, KOKRAIMORO, KUBENKRÃKEN, MEKRÃGNOTI.

ALTO XINGU

- município de no Estado de Mato Grosso do Norte, onde se localiza o Parque Indígena do Xingu que agrupa em seu território quinze grupos tribais contatados e aproximadamente cinco ainda não atraídos.
- municípios de BARRA DO GARÇAS e SIMÕES LOPES: micro-região dos formadores do Alto Xingu, nos quais estão localizados três áreas XAVANTE (Marechal Rondon, Kuluene, Conto Magalhães em Barra do Garças) e duas BAKAIRI (BAKAIRI e Santana em Simões Lopes).

Desta forma, e por este delineamento introdutório, pode-se observar a extensa ocupação territorial por povos indigenas, em quantidade considerável, em toda a superfície da Bacia Hidrográfica do Xingu. E com isso o atingimento por via direta ou indireta destas comunidades, pela provável instalação nesta bacia de um complexo hidre

Acervo ISA

létrico. Tal situação, a do atingimento das áreas tribais por barramentos, leva a necessidade de um estudo cuidadoso que considere todos os aspectos antropológicos, jurídicos, ecológicos, sôbre a implantação deste complexo Hidrelétrico e de seu impacto junto as populações indígenas.

DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DOS GRUPOS ATINGIDOS

BAIXO XINGU

GRUPO ARARA

Localização - território formado pelos Rios IRIRI, Xingu e Rodovia Transamazônica (vide mapa em anexo).

Os ARARA, de filiação lingüística e cultural ainda não definida, provavelmente deverá pertencer ao grupo KARIB. Com a abertura da Transamazônica que cortou o aldeamento desses índios ao meio, separando a comunidade em dois agrupamentos menores, é que a FUNAI vem procurando manter contato com os ARARA. Entretanto , por diversas vezes este índios recusaram-se a qualquer aproximação com os brancos, mormente após a instalação da Cooperativa Triticola de Ijuí, em seu território de perambulação. Atualmente, foi constituída uma nova frente de atração, com sede em Altamira e chefiada pelo sertanista Sidney Possuelo.

As primeiras providências a serem tomadas em futuro próximo, após estabelecido o contato com estes índios, devem se constituir em uma avaliação da própria situação deste grupo, e quais medidas deverão ser providenciadas, para que os ARARA possam sobreviver e se recuperar das injunções que lhes vem sendo impostas pela sociedade envolvente.

GRUPOS ASSURINI E ARAWETÉ

A descrição e situação atual dos ASSURINI e também dos ARAWETÉ, de filiação lingüística TUPI, é apresentada pela antropologa Regina Muller, que vem trabalhando com essas comunidades desde 1977.

Os ASSURINI e os ARAWETÉ são grupos TUPI, recém-contatados, cujas aldeias se localizam às margens dos afluentes do rio Xingu, em seu curso médio (Estado do Pará).

Acervo ISA

Com a construção das barragens do Complexo Hidrelétrico do rio Xingu, as terras que margeiam o referido rio serão inundadas, atingindo aproximadamente 300.000 ha do território destes dois grupos.
A aldeia ASSURINI se encontra à margem direita do igarapé Ipiaçava , afluente da margem direita do rio Xingu.
Os ASSURINI foram contatados em 1971. É bastante conhecido o episódio da renúncia do sertanista Antonio Cotrim em razão dos acontecimentos que envolveram o contato dos ASSURINI, cuja mortalidade nessa ocasião levou-o a negar-se continuar sendo "coveiro de índios".
Os ASSURINI, que no passado, eram temidos por sua aguerridez e alta densidade populacional, foram reduzidos a 55 índios (1978). Este número permaneceu inalterado nos últimos dois anos.
O violento decréscimo populacional ASSURINI venha ocorrendo antes mesmo do contato, devido aos ataques de grupos inimigos. Estes foram um dos motivos que os impeliram a aceitar o contato com o branco, por muito tempo rejeitado.
Com a construção da rodovia Transamazônica, iniciada em 1970 e a chegada da assim chamada frente de expansão da sociedade nacional nesta região da Amazônia, grupos até então arredios são contatados com a criação da frentes de atração que intensificaram as tentativas de contato.
Assim, os ASSURINI entraram numa nova fase de convivência com a sociedade do branco, numa época em que já sofria um processo de depopulação. Os grupos inimigos, deslocados de seu habitat tradicional por outras frentes de expansão na Amazônia, migram, penetrando território ASSURINI, dizimando-os e "empurrando-os" em direção ao rio Xingu.
Sobre o contato, conta-nos o referido sertanista, em seu relatório:
"... os resultados mais funestos foram os de natureza biótica; além da elevada taxa de mortalidade, debilitou-os organicamente por um longo período. Os mais atingidos pelo "fatalismo" foram os velhos. As vicissitudes dos efeitos depopulativos começam a atingir sua organização social; as lideranças dos grupos domésticos ficaram acéfalas, desorganizando inicialmente sua força produtiva. Toda a vida social foi afetada, principalmente suas atividades economicas que ficaram estagnadas por falta de força de trabalho".
Os efeitos negativos do contato sobre os ASSURINI se fazem sentir até os dias de hoje, pelo decréscimo populacional: em 1971, a população era de aproximadamente 100 indivíduos; em 1972, 70; em 1975, 60 e em 1978, 55 índios.
Desenvolvendo-se em 1978 e 1979, um projeto de recuperação do grupo , conseguiu-se estabilizar o processo de decréscimo populacional, man-

Acervo ISA

tendo-se a população em 55 indivíduos até a presente data.
Os ASSURINI tentam, ainda, recuperar-se de um estado de desintegração social e economica e de ameaça de extinção, cujos esforços começam timidamente a apresentar resultados. Suas roças voltaram a representar o principal meio de subsistência, o qual juntamente com a caça, a pesca e a coleta garantem uma alimentação relativamente farta. As lideranças começam a emergir, juntamente com a intensificação das atividades na esfera ritual e religiosa, aspecto fundamental das sociedades Tupi, delineando-se uma reorganização da vida política. As cerimônias tradicionais, como aquelas relacionadas ao calendário economico do grupo voltaram a ser realizadas, apesar das dificuldades e das imensas exigências que sua execução requer para um grupo demográficamente desfalcado.
A perspectiva de uma transformação em seu meio-ambiente com a inundação de uma extensa área de seu território com conseqüências diretas sobre seus meios de subsistência (caça, pesca, coleta) é ameaçadora e duplamente fatídica no caso ASSURINI. Um grupo que tenta se recuperar e sofre desde já, com as dificuldades inerentes à situação de contato recente para garantir sua sobrevivência, não poderá em hipótese alguma, sofrer mais este golpe em sua existência.
A aproximação com o branco, cuja densidade demográfica em sua área é relativamente baixa, já trouxe suas conseqüências negativas. A tuberculose é atualmente a grande ameaça à sobrevivência física do grupo.
A presença de uma população branca multiplicada, representada pela mão-de-obra a ser utilizada na construção das barragens, é desastrosa no processo irreversível das relações que a comunidade estabelece com os grupamentos brancos mais próximos.
Ao nível de suas representações, a inundação de sua aldeia, prevista de acordo com a cota de inundação, é o fim definitivo: o dilúvio que já ocorreu no tempo dos antepassados e extermina os ASSURINI. Neste passado mítico, sobrevive um deles e recomeça a vida que termina novamente com o mesmo acontecimento.
O Xingu, a "água grande", cujo fim, onde está Mahira, é o início do outro mundo, onde sempre esteve, de repente se desfigura, invade, subverte a ordem cosmológica.
A doença e a fome, provocadas pelo desequilíbrio em seu meio-ambiente de um lado. De outro, o próprio universo modificado, colocando em cheque os princípios fundamentais de sua visão de mundo, cosmologia, religião, razão de ser.
Agravidade maior no caso ASSURINI, quanto à inundação de suas terras, reside no fato de ser um grupo recém-contatado em fase de recuperaçãp

Acervo ISA

a quem acenamos com a possibilidade de sobrevivência, desenvolvendo projetos que não poderão garantir mais nenuma possibilidade do grupo enfrentar outra mudança violenta devido a fatores externos à sua própria dinâmica, ficando desta vez, definitivamente ameaçado de extinção.

Os ARAWETÉ, localizados às margens do igarapé Ipixuna, afluente da margem direita do rio Xingu, foram contatados ainda há menos tempo (1976).

Os ARAWETÉ formaram em 1977, junto ao Pôsto de Atração da FUNAI, duas aldeias, após um contato atribulado. Em 1976, atacados por um grupo inimigo, os ARAWETÉ se dispersaram, fugindo para a beira do Xingu, onde encontraram doenças e a morte. Contatados pela FUNAI neste local, novamente se dispersaram, num movimento exaustivo que os deixava sem seus recursos básicos de subsistência, as roças. Voltam finalmente às margens do Ipixuna, já com a assistência da frente de atração, mas são novamente atacados pelo inimigo. Em 1977 mudaram-se para junto do Posto de Atração da FUNAI, formando as duas aldeias.

O grupo ARAWETÉ, entretanto, foi mais resistente que os ASSURINI em relação ao aspecto demográfico, contando na época do contato com uma população bem maior que a do grupo do Ipiaçava.

Mesmo com as baixas sofridas, recuperaram-se em um rápido período de tempo, apresentando nos últimos dois anos uma taxa de mortalidade muito inferior à taxa de natalidade. A população ARAWETÉ conta atualmente com 136 indivíduos. Este aumento demográfico, entretanto, não significa que o grupo tenha se recuperado em outros aspectos.

Há ainda sinais evidentes de desorientação quanto à nova situação, caracterizada por dependência ao Posto da FUNAI e como fase de reorganização social e economica.

A situação dos ARAWETÉ não é muito diferente dos ASSURINI quanto às conseqüências da inundação de suas terras e também neste caso, de suas aldeias. Talvez seja mais grave, tendo em vista que o grupo ainda não apresenta as mesmas condições de recuperação dos ASSURINI e cujos traumas do contato estão ainda mais presentes.

Os ASSURINI e os ARAWETÉ são os últimos grupos Tupi contatados na Amazônia, talvez os últimos representantes da cultura tradicional desta nação indígena. A instalação de atividades econômicas em sua região, como a agro-pecuária, mineração, a construção da rodovia Transamazônica, isto é, a conquista desta região da Amazônia na década de 70, deixou estes grupos sem alternativas: o contato com o

Acervo ISA

BAIXO XINGU - [illegible] - ARAWETÉ - ARARA - PARAKANÃ (*)

RESERVAS INDÍGENAS E ÁREAS DE PERAMBULAÇÃO - Área, Localização, População

RESERVAS INDÍGENAS e Áreas de perambulação com suas Respectivas Áreas	GRUPO INDÍGENA, nº de Aldeias Posto Indígena	LOCALIZAÇÃO	FILIAÇÃO LINGUÍSTICA	POPULAÇÃO SEXO MASC.	SEXO FEM.	TOTAL
RESERVA INDÍGENA KOATINEMO Município de Altamira, Pa. Área - 78.000 ha. (não demarcada)	ASSURINI 1 aldeia P.I. KOATINEMO	RC. IPIAÇAVA	TUPI			55
ÁREA DE INTERDIÇÃO ARAWETÉ Município de Altamira, Pa. Área - (não demarcada)	ARAWETÉ 2 aldeias P.I. de Atração IPIXUNA	RC. IPIXUNA	TUPI			136.
ÁREA DE OCUPAÇÃO ARARA Município de Altamira, Pa. Área - 350.000 ha. (não demarcada)	ARARA 2 aldeias P.I. de Atração ARARA	Rodovia Transamazônica e rios IRIRI e XINGU	KARIB(?)	?	?	100(?)
ÁREA DE OCUPAÇÃO DOS ASSURINI E PARAKANÃ Município de Senador JOSÉ PORFIRIO E São FÉLIX do XINGU Área - (não demarcada)	PARAKANÃ 2 Grupos ASSURINI 1 Grupo	50'00 e 53'00 W e 4'00 e 6'00 S	TUPI			?

(*) - Obs: Os dados ASSURINI e ARAWETÉ foram fornecidos pela antropologa REGINA MULLER, que vem trabalhando nestas áreas e apresentou projeto à FUNAI no sentido de agrupar os limites atuais destes 2 grupos e dos XIKRIN do BACAJÁ em uma Reserva Indígena. Hoje se tem informações que um Grupo PARAKANÃ FOI AVISTADO no igarapé São José e a FUNAI está preparando uma frente de penetração para efetivar o contato. Os dados referentes/ ao Grupo ARARA - foram fornecidos pelo sertanista SIDNEY POR[illegible] DE LO[illegible] que/ está chefiando a atual frente de contato.

Acervo ISA

branco tornou-se inevitável e ameaçou, pelo menos os ASSURINI, de extinção.
Na década de 80 ou 90, com a construção das barragens e inundação de seu território, o cerco parece se fechar, deixando-os novamente sem alternativa: desaparecer.

GRUPO KARARAÔ

Localização - situados no triângulo formado pela margem direita do Rio Iriri e margem esquerda do Rio Xingu, próximo à localidade de Porto Alegre.

Estes Índios formam um sub-grupo KAYAPÓ que se separou dos KAYAPÓ-GAROTIRE por volta de 1935, dirigindo-se ao Norte. O grupo de origem, como sempre costumam fazer os KAYAPÓ, se cindiu em três sub-grupos. O primeiro, com oitenta pessoas, foi contatado pelo ano de 1940, junto ao Rio Jauaracá. Foram, então, levados a Altamira, onde quase todos morreram.e seus remanescentes juntados a outros KAYAPÓ, como os GAROTIRE, por exemplo. O segundo grupo, com um total de 40 indivíduos, foi contatado por Francisco Meireles por volta de 1957 e no ano seguinte levados para junto dos MEKRÃNGNOTI, do Posto Indígena Bau.

Já o terceiro grupo, constituído de trinta pessoas e contatado em 1972, é o que habita a região Iriri-Xingu, acima referida. Atualmente, embora as injunções contra ele perpetradas como a transferência ilegal, pela 2a. Delegacia Regional da FUNAI, com sede em Belém, para a aldeia XIKRIN do Bacajá, estes índios vêm mantendo o seu contigente populacional. Hoje, este grupo KARARAÔ, segundo informações de funcionários da FUNAI, estaria de retôrno à sua área de origem.

GRUPOS EM PERAMBULAÇÃO

Localização - área compreendida entre os meridianos 50°00 e 53°00 W e os paralelos 4°00 e 6°00 S.

Os grupos indígenas em perambulação, segundo informações de Índios (ARAWETE, ASSURINI, PARAKANÃ, XIKRIN do BACAJÁ), sertanistas e confirmadas através de fatos recentes, são os ASSURINI e os PARAKANÃ. Estes se encontram perambulando, de modo geral, entre as cabeceiras dos Rios do Meio (área Cajazeira), Tapirapé, Bacajá, Ipixuna, Ipiaçava, Anapu, Pacajazinho, e suas proximidades.

Acervo ISA

Ao que se tem notícia, através de informes coletados em campo, junto aos PARAKANÃ residentes nas Reservas PARAKANÃ e PUCURUÍ, outros Índios deste grupo se encontram reunidos em um ou dois agrupamentos, formados por elementos do sub-grupo APUITEREWA. Representantes deste sub-grupo são encontrados em ambas as Reservas, embora a PARAKANÃ também possua pessoas do sub-grupo TAPIIPI. Assim, além da própria atração do grupo PARAKANÃ, em 1976, junto ao Rio Anapu, outros elementos que resusaram o contato, segundo estes Índios, continuam em perambulação. Inicialmente, haviam dois agrupamentos sendo que um deles entrou em conflito com os XIKRIN do Bacajá, em novembro de 1977, e sertanistas confirmaram a sua presença num tributário do Bacajá, de nome Arroz Cru. Há possibilidades, entretanto, de estes PARAKANÃ (APUITEREWA) terem-se reunido ao outro agrupamento. Por outro lado, a presença dos PARAKANÃ não-contatados próximo às cabeceiras do igarapé Ipixuna é asseverada pelos ARAWETÉ, que chegaram a entrar em conflito com aqueles entre os anos de 1976 e 1977. Cumpre lembrar ainda que os PARAKANÃ já contatados afirmam sur seu território de perambulação, o que se estende desde a Região Cajazeiras, incluindo-se as cabeceiras dos igarapés TAPIRAPÉ e PRETO, até o Rio Anapu.

Já os ASSURINI, conforme menciona a antropóloga Regina Muller, em relatório à FUNAI, 1979, os XIKRIN do Bacajá, os ARAWETE, os ASSURINI afirmam, juntamente com os sertanistas, a existência de um grupo TUPI entre Altamira e as cabeceiras do Bacajá. Tal fato pode ser verificado em sobrevôo, no qual se avistou, próximo às nascentes do Ipiaçava um aldeamento, cuja casa principal foi construída em moldes ASSURINI.

Da mesma forma que os ARARA, ASSURINI, ARAWETÉ, estes KARARAÔ necessitam de um estudo aprofundado e de um trabalho indigenista que lhes possibilite uma recuperação dos contatos desastrosos já efetuados.

Assim, pode-se observar que a sub-região do Baixo - Xingu é ocupada por populações indígenas de modo quase contínuo, devendo ser considerada a possibilidade de preservação desta área em sua totalidade. Isto sugere a viabilidade da criação de uma reserva, respeitando-se o território de cada grupo, inclusive suas áreas de perambulação e que venha abrigar estas populações, salvaguardando, deste modo, a extensão de parte desta sub-região sob o ponto de vista ecológico.

MULLER, R. - 1979, IV9 capítulo, m.s

Acervo ISA

MÉDIO-XINGU

- município de São Felix do Xingu: os grupos indígenas do Médio Xingu são formados por diversos sub-grupos da nação KAYAPÓ e a maior parte esta localizada no Parque KAYAPÓ, cuja área é de aproximadamente 26.570 km^2, que se encontra em fase de demarcação. A população KAYAPÓ aqui se encontra dividida em duas aldeias GOROTIRE, duas KUBENKRÃNKEIN e uma KOKRAIMORO, atingindo seu contingente populacional a um total de 1.192 índios. A localização das aldeias existentes no Parque KAYAPÓ vide tabela 1 e mapa, em anexos

De acôrdo com Verswijnrr (1978: 14-16) há ainda tres grupos isolados: os PITUIARÚ, localizados entre o Rio Fresco e o igarapé Riosinho, próximos aos KUBEWKRÃNKEIN, se constituem em um grupo de aproximadamente 60 [illegible]; os NGRA-MRARI, situados às margens do XINGU, ao extremo sul do Estado do Pará, com uma população de cêrca de 40 pessoas; os PURÚ, situados entre os Rios Curuá e Jamauxim, no Médio Iriri, e com aproximadamente 60 índios.

- localidades de Cachimbo e São Benedito: próximo a estas localidades são encontrados os MEKRÃNGNOTI que se localizam em uma área de aproximadamente 15.000 km^2. Estão divididos em dois aldeamentos: o primeiro situado a 8942'S e 54914'W, Posto Indígena MEKRÃNGNOTI, em região de floresta, e possui uma população de 318 índios, ainda bastante isolados. O acesso é através de avião ou de barco a motor até a 50 kms da aldeia, subindo pelo rio Iriri, durante o inverno local. O segundo, localizado a 7920'S e 54948' W, Posto Indígena Baú, com uma população de 56 índios, e estando a 500 metros a jusante da confluência dos rios Baú e Curuá e o acesso pode também ser realizado através deavião ou de barco a motor, sempre no inverno local.

Adaptação ecológica dos KAYAPÓ -

A região onde estão localizadas as aldeias KAYAPÓ do Baixo e Médio Xingu é uma zona de transição entre a Floresta Amazônica e o Planalto Central. Esta localização permite a exploração de espécies muito variadas, tanto animais quanto vegetais, o que lhes possibilita tirar proveito dos recursos naturais existentes na zona de florestas e dos campos. Para a realizaçãp destas atividades, os KAYAPÓ ocupam um extenso território que exploram e pre-

Acervo ISA

servem através de uma perfeita adaptação ao seu meio ambiente. Este equilíbrio na vida do grupo deve ser preservado. Apesar de terem sofrido com as conseqüências do contato, os KAYAPÓ são numerosos e possuindo uma organização social, política, ritual muito rica e atuante, conseguem manter a sua identidade étnica frente à sociedade nacional. Preservando o seu território, os KAYAPÓ são capazes de sobreviver segundo seus costumes tradicionais e também de desenvolver novos projetos comunitários que lhes permitam uma melhor adaptação à realidade. Isto os torna independentes do ponto de vista econômico, no que se refere as necessidades criadas pelo contato. A alimentação é constante e a dieta indígena, segundo os especialistas é extremamente equilibrada e deve ser preservada.

Economia de mercado e contacto com os "civilizados" da área:

KIKRIN do Bacajá:- Contacto atual com FUNAI

vendem: Castanha-do-Pará e Artesanato.

GOROTIRE: - Contacto atual com FUNAI, FAB (mensal) e MICEB (Missão Cristã Evangélica do Brasil).

vendem: Arroz, Castanha-do-Pará e Artesanato. Segundo Arnaud (1971:12): "Os GOROTIRE são assistidos não só pelo Pôsto Indígena como pela Missão Católica da Prelazia do Xingu... e Missão Cristã Evangélica do Brasil. Possui o Pôsto , um campo para aviões tipo DC-3 e uma estação de radiofonia.

Por influência do órgão protetor, desde cedo começaram os índios a dedicar-se à extração de castanha, caucho (hoje sem cotação), camaru e peles de animais silvestres, para fins comerciais. Suas transações, salvo por exceção , sempre foram realizadas com o Pôsto, individualmente ou através dos chefes das metades que constituem o grupo. Presentemente, vários homens têm trabalhado, como assalariados, nas pesquisas de minérios que está processando na área o Govêrno do Pará. Têm entrado também em choque com caçadores de felinos que costumam embrenhar-se pelos seus domínios, havendo de uma feita matado e invasores".

Acervo ISA

KRIKETUM:- Contacto atual com FUNAI e MICEB

A aldeia Kêkretum tem maior contacto e relações de troca com um Projeto de Colonização, o Projeto Tucumã da Companhia Andrade Gutierrez (400.000 hectares).

KUBEN-KRÃ-KÊIN:- Contacto atual com FUNAI e MICEB

Extração de Castanha-do-Pará e fabricação de artefatos para fins comerciais. Segundo Arnaud (1971 : 13): "Assim como os GOROTIRE, são os KUBEN-KRÃ - KÊIN assistidos pela FUNAI, Missão Católica da Prelazia do Xingu e Missão Cristã Evangélica do Brasil. O Pôsto possui um campo de pouso para aviões do tipo DC-3 e está equipado com uma estação de radiofonia.

No que diz respeito a produção de excedentes econômicos, encontram-se em situação idêntica a dos GAROTIRE.

KOKRAIMORO: - Contacto atual com FUNAI e MICEB

Extração de Castanha-do Pará e fabricação de artefatos para fins comerciais. Segundo Arnaud (1971 : 14): "Os KOKRAIMORO são jurisdicionados por um Pôsto da FUNAI, mas também recebem assistência da Missão Cristã Evangélica do Brasil e Missão Católica da Prelazia do Xingu. Existe no Pôsto um pequeno campo de pouso para aviões e uma estação de radiofonia. No que diz respeito à produção de excedentes econômicos suas situação é identica a dos GOROTIRE e KUBEN-KRÃ-KÊIN".

MEKRÃGNOTI: - O envolvimento com mercado é pequeno entre os MEKRÃGNOTI do P.I. MEKRÃGNOTI. Eles fazem artesanato para vender a brasileiros e cada um ou dois anos, sob o comando da FUNAI, eles coletam a Castanha-do Pará. Como pagamento, recebem armas-de-fogo, cartuchos, ferramentas e pano (Gross et alii, 1979). Os MEKRÃGNOTI do P.I. Baú, têm tido contactos de 1974 a 1978 com a Mineradora São Benedito, a uns 8 a 10 km ao Sul da aldeia Baú, sendo que no início de 1978 os índios expulsaram a Companhia. Há, também, ameaças de garimpo de ouro no rio Curuá.
vendem: Castanha-do-Pará e Artesanato

Acervo ISA

Tabela 3 - KAYPÓ (Jê) - Baixo e Médio Xingu

Parque e Reservas Indígenas: área, localização e população

Parque e Reservas Indígenas com suas respectivas áreas	Postos Indígenas existentes no local	Localização	Sub-grupos vivendo nos Postos Indígenas	população sexo masc.	sexo fem.	Total
Reserva Indígena Kararaô (Baixo Xingu, Município de Altamira-Pa) Área: 249 km² (demarcação parada)	P.I. Kararaô desativado em 1972	Confluência do rio Iriri com o Xingu				
Reserva Indígena Bacajá (Baixo Xingu, Município de Senador José Porfírio-Pa.) Área: 1.816 km² (há um outro projeto em estudo).	P.I. Bacajá	margem esquerda do médio rio Bacajá, afluente do Baixo Xingu	Xikrin, Kararaô e outros de procedência diversa.	81	102	183
Parque Indígena Kayapó (Médio Xingu-Município de São Félix do Xingu-Pa.) Área: 26.570 km² (em demarcação	P.I. Kokraimoro	margem direita do Xingu, próximo a São Félix	Kokraimoro	92	89	181
	P.I. Kubenkrankêin	2 aldeias no Riosinho	Kuben-Kran-Kêin	181	153	334
	P.I. Gorotire	margem direita do rio Fresco	Gorotire, Xikrin e outros Kayapó	263	264	527
	P.I. Kriketum	Nova Olinda no baixo rio Fresco	Gorotire			100
Reserva Indígena Mekrãgnoti (Médio Xingu-Município de Altamira-Pa.) Área: 15.000 km² (em demarcação)	P.I. Mekrãgnoti	tributário do rio Iriri	Mekrãgnoti	146	175	321
	P.I. Baú	confluência dos rios Baú e Curuá	Mekrãgnoti e Kararaô			56

Obs: - Os dados da 29 DR. - FUNAI, foram cedidos por EXPEDITO ARNAUD e LAURA SARÃ

Acervo ISA

ALTO-XINGU

Localização - a região do Alto Xingu compreende as terras que margeiam os formadores do Xingu, os rios Romero, Batovi , Kuluene. Estas terras tem ao sul o cerrado, característico do Brasil Central, interrompido por florestas ciliares. Ao norte a área é formada por uma floresta de transição para o tipo amazônico, embora com árvores de menor porte. As estações seca e chuvosa são bem marcadas, começando as chuvas em outubro e terminando em maio.

A localização exata do Parque Indígena do Xingu pode ser observada através de mapa em anexo.

Os índios que habitam a região alto xinguana começaram a ser conhecidos com as viagens de v.d. Steineu, etnólogo alemão, em 1870, mas só a partir de 1948 começaram a sair do isolamento em que até então viviam. Isto foi possível com o trabalho de desbravamento da área Tapajós-Xingu pela Fundação Brasil - Central e Expedição Roncador-Xingu, que por ali fundaram os primeiros estabelecimentos permanentes. Apesar de filiação lingüística diversa, os grupos que lá habitavam apresentavam uma notável uniformidade cultural, decorrente de um longo processo de ambientação e interrelacionamento social, principalmente, segundo Eduardo Galvão , um dos realizadores da criação do Parque Indígena do Xingu", nos aspectos que dizem respeito às técnicas que asseguram a subsistência, os artefatos, e algumas instituições religiosas e sociais" (Galvão, 1953:3).

Com relação a situação do Parque Indígena do Xingu, e do impacto que provavelmente virão a sofrer as comunidades indígenas ali existentes com a construção do complexo hidrelétrico da bacia do Xingu, o antropólogo Rafael de Menezes Bastos emitiu o seguinte parecer:

O Parque Indígena do Xingu - com o nome de Parque Nacional do Xingu - foi criado pelo Decreto nº 50.455 , de 14 de abril de 1961. Tal criação, respondendo aos reclamos de intensa campanha indigenista de âmbito nacional e internacional, teve por objetivo resguardar do colapso sócio-cultural os grupos alí habitantes, que representam um peculiaríssimo arranjo societário. A par disto, e junto disto, objetivava-se também a conservação do meio ambiente da área, ambiente este de transição do cerrado do Brasil Central para a floresta tipo amazônico.

A esse Decreto de criação do Parque seguiram-se outros tres: o de número 51.084, de 31 de julho de 1961, que

Acervo ISA

regulamenta o primeiro; o de número 83.882, de 6 de agosto de 1968 , que lhe modifica o traçado original pela incorporação de terras a sul e eliminação de pequena porção a sudeste; e, finalmente, o Decreto nº 68.909, de 17 de julho de 1971, que é, já extremamente disruptivo com relação ao primeiro; abre-se o norte do território para a passagem da BR-080, e que tenta-se compensar a sul, aonde novas terras lhe são acrescentadas. Observa-se que esta última modificação é causadora de prejuízos irrecuperáveis para os índios da área, basicamente para os habitantes do norte do Parque, os TXUKAHAMÃE e SUYÁ estando ainda a sofrer conseqüências extremamente danosas trazidas pela nova rodovia.

Habitam, atualmente, no Parque Indígena do Xingu 15 grupos tribais, nove, imemoriais ocupantes da região datações de carbono 14 do século XIII estão já confirmadas -, seis , de chegada ali mais recente. Os primeiros, são os chamados <u>índios xingüanos</u>, os segundos, os <u>não-xingüanos</u> (ou marginais, intrusivos). Abaixo, uma tabela com os dados demográficos dos grupos, dados estes estimativos para 1980, gentilmente cedidos pelo Prof. Olympio Serra (vide página seguinte).

Os índios xingüanos, mais os não-xingüanos Txikão , habitam a parte sul do Parque, mais ou menos em torno do Posto Indígena Leonardo Villas-Boas. Note-se que os Mahukwã e os Matipúhy, por questões depopulacionais, conformam hoje uma somente unidade residencial, uma aldeia. Os grupos não-xingüanos, por outro lado, ocupam o norte da região, em torno dos Postos Indígenas Diauarum, Kretire e Jarina. Os Txukahamãe, por política interna resultante da construção da BR-080, dividem-se em duas aldeias

Acervo ISA

Dados demográficos dos grupos indígenas do Parque Indígena do Xingu, estimativos para 1980 (segundo Olympio Serra).

TABELA 3

ALTO XINGU - PARQUE INDÍGENA DO XINGU

Área -

Município de Barra do Garças e Chapada dos Guimarães

tribos	grupos lingüíst.	afiliação cultural	popul.
1 AWETÍ	Tupi-Guarani	SOMVIDIÁNOS	57
2 KAMAYURÁ			183
3 KALAPÁLO	Karib		95
4 NAHUKWÁ-MATIPÚHY			89
5 KUIKÚRO			175
6 MEHINÁKU	Aruák		67
7 YAWALAPITÍ			91
8 WAURÁ			82
9 TRUMAÍ	trumaí		48
10 YURUNÁ	Tupi-Guaraní	NÃO-XINGUANOS	77
11 KAYABÍ			382
12 TXIKÃO	Karib		92
13 SUYÁ	Gê		138
14 TXUKAHAMÃE (Kretire+ Jarina			268
15 KRENAKÚRO			78
TOTAL POPULACIONAL			1857

Acervo ISA

Não abordadas as peculiaridades de cada tribo das 15, pode-se dizer que as mesmas configurem duas grandes unidades sócio-culturais distintas: de um lado, os xingüanos - detentores da adaptação ecológica tradicional da área -, com sua elaboradíssima vida cerimonial, intenso comércio intertribal e freqüentes trocas matrimoniais; de outro, os não-xingüanos, grupos que, de ingresso mais tardio na área do Parque, estão ainda num processo de adaptação à mesma, inclusive -esta adaptação -do ponto de vista das relações com seus anfitriões.

O que de fundamental, no entanto, se pode dizer de todas essas duas macro unidades sócio-culturais -que formulam, num nível mais abrangente, a sociedade de todos os habitantes indígenas da área, a sociedade xingüense - é que sua sobrevivência depende do eqüilíbrio ecológico do ambiente, eqüilíbrio este que se resume na dinâmica das relações entre, de um lado, as águas (estações e regimes pluviais conseqüentes) e a cobertura vegetal, com a fauna associada: os xingüanos, pescadores e agricultores, assim como os não-xingüanos, que também são caçadores, efetivamente não resistiriam a qualquer mudança que, mesmo de leve, pusesse em deseqüilíbrio a dinâmica das relações acima apontada.

Tal eqüilíbrio -que não se resume, tão-somente, à tecnologia -é extremamente importante no nível da definição social, política e econômica dos grupos em questão, assim a pesca e a agricultura de coivara (mandioca), dos índios do sul, e a caça, dos grupos do norte, gerando toda a organização e estrutura associativa das tribos de per si, dos xingüanos e dos não-xingüanos e, inclusive, assumindo fundamental papel no plano das relações interétnicas.

Em resumo pode-se afirmar que a manutenção incólume dos índios do Parque Indígena do Xingu - o patrimonio, por excelência do indigenismo brasileiro - depende de uma postura que afaste com firmeza toda e qualquer interferência em seu ecossistema, o que aliás, está legalmente garantido pela Constituição e pela Lei 6.001, de 1973, que dispõe sobre o Estatuto do Índio. Lembre-se que interferência aqui deve ser lida basicamente em termos de impactos diretos e/ou indiretos na bacia dos formadores do Rio Xingu, entendida em termos climáticos, pluviométricos e da fauna e flora associadas.

A notícia da construção, a curto, médio e longo prazos, de um complexo hidroelétrico na bacia do Rio Xingu será extremamente auspiciosa se no seu contexto estiver um criterioso planejamento que -levando em conta crucialmente a questão do dimensio

Acervo ISA

namento das obras -torne impossível o atingimento do delicado equilíbrio daquela região em termos negativos. Neste ponto, será bom lembrar a experiência nacional e internacional na matéria, e que coloca a pesquisa antropo-sociológica como variável fundamental de todo o processo de planejamento, envolvendo não só as comunidades indígenas da região como também seus ocupantes nacionais.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Segundo Galvão e Simões (1965:2-3) e Villas-Boas (1979: 35-40)* há, ainda, cinco grupos tribais na região do Alto Xingu que não foram contatados e que vivem isolados. São eles: 1º) AGAVOTOKUENG (AGAVOTAGUERRA), localizados na área do Kuluene - Culisêu; 2º) MYAHÃ, no rio Arraias, afluente do Manitsauá; 3º) UAÍ - KRAN (Maritsauá), no alto curso do Suiá-Missu; 4º TAKUXIHÃI, uma lagoa pouco abaixo da foz do Suiá-Missu e 5º YARUMA (Uacú), habitante do Alto Suiá-Missu.

XAVANTE-E BAKAIRI

Ao sul do Parque do Xingu e ainda em provável área de influência de futuros barramentos a serem construídos próximos da localidade de Altamira (Pa), na Bacia Xingu, encontram-se os índios BAKAIRI e XAVANTE. De acôrdo com as cartas planimétricas referentes a esses possíveis barramentos, as probabilidades de eles atingirem diretamente a esses territórios índigenas é remota. Entretanto, deve-se salientar a hipótese de interferências quanto ao aspecto ecológico da região que abrange as cinco áreas índigenas restantes: duas BAKAIRI e tres XAVANTE.

Os Bakairi, pertencentes ao tronco lingüístico KARIB , d dividiam-se historicamente, de acôrdo com Agostinho (1971:361), em Orientais e Ocidentais e se localizavam entre os rios Paranatinga, Rio Novo, Batovi, Culisevu. Atualmente se situam à margem esquerda do Rio Teles Pires, ao Norte de Mato Grosso do Norte , em dois grupos locais, distando um do outro cêrca de 300 Km, segundo notícia a Revista de Atualidade Indígena (1979:02-nº 17). Os representantes do grupo Oriental, por volta de 1920, informa Agostinho(op. cit) ou morreram, ou se transferiram para junto ao grupo do Paranatinga, os Ocidentais, e sua depopulação indica como fator a gripe espanhola.

---

* além dessas também informações do Prof.Olympio Serra a Antônio Carlos Magalhães

Acervo ISA

Hoje, os Bakairi possuem aproximadamente 450 pessoas divididas nos dois grupos locais acima citados: 350 indivíduos se encontram junto ao Posto Bakairi, no Teles Pires e 100 representantes próximo ao Posto Santana, às margens do Rio Arinos, segundo a R.A.I. (op.cit.).

Os Xavantes, contatados em 1946, terão em tres de seus grupos locais, Couto Magalhães, Kuluene e Marechal Rondon, as prováveis influências, ao menos em termos ecológicos, como nos referimos acima, dos barramentos que estamos tratando. Como é de conhecimento público, os problemas referentes à demarcação territorial, a exemplo de tantos outros grupos tribais, tem criadossituações bastante graves a estas comunidades como o choque entre índios e fazendeiros.

Acervo ISA

TABELA A

ALTO XINGU - INDIOS: XAVANTE E BAKAIRI (*)

RESERVAS INDÍGENAS: Área, Localização, População

RESERVAS INDÍGENAS COM suas respectivas áreas	Grupos Indígenas nº de aldeia Posto Indígena	Localização	Filiação lingüística	POPULAÇÃO sexo masc.	sexo fem.	TOTAL
RESERVA INDÍGENA MARECHAL RONDON-[illegible] (Município de Chapada dos Guimarães) área - 50.000 ha.	XAVANTE 1 aldeia PS.Marechal Rondon	Rios Culiseve e Batovi	JÊ			120
RESERVA INDÍGENA KULUENE (Município de Chapada dos Guimarães) área - 55.133 ha.	XAVANTE 3 aldeias P.I. KULUENE	Corrego Paraiso e Kulunene	JÊ			808
RESERVA INDÍGENA PARABEBURE (Município de Barra do Garças) área - 23.800 ha.	XAVANTE 3 aldeias P.I.PARABEBURE	Rios Couto Magalhães e Ribeirão Felipe	JÊ			371
RESERVA INDÍGENA BAKAIRI (Município de Simões Lopes) área -	BAKAIRI 1 aldeia P.I. BAKAIRI	Rio Telos Pires	KARIB			350
RESERVA INDÍGENA SANTANA (Município de Simões Lopes) área -	BAKAIRI 1 aldeia P.I. SANTANA	Rio Arinos	KARIB			100

(*) - Os dados referentes a XAVANTE foram fornecidos pela antropóloga ARACY LOPES DA SILVA.

Acervo ISA

RECOMENDAÇÕES

Os índios, pela Constituição, possuem garantias e devem ser tomadas as devidas providências, no sentido de que estes direitos sejam respeitados, e isto desde a primeira fase de qualquer projeto que venha a atingir as áreas indígenas.

O complexo hidrelétrico da Bacia do Xingu, se construído, afetará de forma direta ou mesmo indireta a aproximadamente 40 (quarenta) grupos indígenas, alguns deles ainda não contatados. Este fato, inclusive ao nível jurídico constitucional, leva-nos a refletir sobre a necessidade da implantação de barramentos de grandes portes, tendo em vista o exemplo da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. Aqui a ausência de planejamento inicial que informasse, e de modo detalhado, das proporções dos atingimentos às áreas indígenas foi uma constante. Deste modo, urge que seja formado um grupo de consultores a nível antropológico, indigenista, jurídico, ecológico, médico, com o objetivo de acompanhar e avaliar todas as conseqüências possíveis, diretas e indiretas, de projetos, hidrelétricos ou não, que venham a afetar as áreas indígenas. É necessário, antes de tudo, que prevaleça o próprio respeito à Constituição, que legalmente garante o patrimônio indígena, através da Lei 6001 de 1973, que dispõe sobre o ESTATUTO DO ÍNDIO.

Observe-se ainda que as sociedades indígenas possuem uma forma de adaptação específica ao seu meio-ambiente e que não se relacionam unicamente a aspectos ligados à subsistência ou econômicos, mas remontam à sua organização social e ao seu sistema de crenças. Assim, deve ser atendido que qualquer modificação lesiva ao meio-ambiente atingirá a sociedade e a cultura como um todo; daí a necessidade de um cuidado especial ao se pretender o estabelecimento de projetos que venham afetá-les.

Neste momento, só nos cabe repetir a colocação elaborada pelo Prof. Bastos, em seu pronunciamento acêrca do Parque Indígena do Xingu - "A notícia da construção, a curto, médio e longo prazos, de um complexo hidroelétrico na bacia do Rio Xingu será extremamente auspiciosa se no seu contexto estiver incluído um criterioso planejamento que -levando em conta crucialmente a questão do dimensionamento das obras -torne impossível o atingimento do delicado eqüilíbrio daquela região em termos negativos. Neste ponto, será bom lembrar a experiência nacional e internacional na matéria, o que coloca a pesquisa antropo-sociológica como variável fundamental de todo o processo de

Acervo ISA

planejamento, envolvendo não só as comunidades indígenas da região como também seus ocupantes nacionais.

Acervo ISA

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Pedro. "Informe sobre a situação territorial e demográfica no alto Xingu". La Situación del Indígena en América del Sur. Montevidéu (Tierra Nueva), 355-380(G. Grunberg, Coordenador), 1972.

ARNAUD, Expedito. Breve informação sobre os Índios Asurini e Parakanã. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Sér. Antropologia, Belém, 11, 22 p. 1981.

_____. Notícia sobre os Índios Araweté Rio Xingu, Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. N.Ser, Antropologia, Belém, 71 20 p. il.

_____. A Ação Indigenista no Sul do Pará (1940-1970). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. N. Ser, Antropologia, Belém, 48. 25p. 1971.

_____. As Terras dos Índios, Informativo FUNAI, Brasília, 5(17) : 5-16. 1976.

BAMBERGER TURNER, Joan. Environment and Cultura Classification: A study of the Norther Kayapó (A thesis presented by Joan Bamberger Turner to The Department of Anthropology in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in the subject of Anthropogy). Cambridge, Mass., Havard University, 189 p. 'Ms'

BASSO, Ellen B. The Kalapalo indians of central Brazil. N.York (Holt, Rinehart & Winston).

DREYFUS, Simone. Los Kayapó del Norte. Estado do Pará, Brasil. Contribuición al estudia de los indios Gê. México, Instituto Indigenista Interamerico. p.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Documentação do Arquivo da 2a. Delegacia Regional.

GALVÃO, Eduardo & SIMÕES, Mário F. Notíciassobre os Índios TXIKÃO - Alto Xingu - Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. N.Ser. Antropologia, Belém, 24. 28 p. il.

GRÜNBERG, Georg. Beitrage zur ethnographie der Kayabí zentralbrasiliens. Wien (Archiv für volkerkunde Bd 24).

Acervo ISA

GROSS, Daniel R. et allii. Ecology and acculturation Among native peoples of Central Brazil. Science, Washington, D.C. 206 (4422):1043-1048. 1979.

JUNQUEIRA, Carmen. Os Índios de Ipavu. S. Paulo (Ática)

LÉVI-STRAUSS, Claude. Anthropologie Structurale deux. Paris; Plon , 450 p.

MAGALHÃES, Antonio Carlos. Os Parakanã, o destino de um povo! - 1979, Ms.

MENGET, Patrick. Au Nom des autres. Classification des relations sociales chez les Txikão du haut-Xingu (Brésil). (Tese de doutoramento . École pratique des hautes études. Paris, /Ms/.

NIMUENDAJU, Kurt. Os Garotire: Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios. Revista do Museu Paulista, N.Ser., São Paulo, 6, 1952.

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. Os Índios Jurúna do Alto Xingu. Dédalo. São Paulo, 11-12, 292 p. il. 1979.

POSEY, Darrell Addison. Ethnoentomology of the Garotire Kayapó of Central Brazil (A Dissertation Submitted to the Graduate Faculty of the University of Georgia in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree Doctor of Philosophy). Athens, Georgia, 177 p. /Ms/.

———. Kayapó controla inseto com uso adequado do ambiente: Revista de atualidade Indígena, Brasília, 3(4): 47-53.

SEEGER, Anthony. Nature and Culture and their transformations in the Suya, a ge-speaking tribe of Central Brazil. (Tese de doutorado. Univ. de Chicago, Chicago). /Ms/. 1974.

TURNER, T.S. Social Structure and Political Organization among the Northern Kayapó. Harvard Ph, D. dissertation.

VERSWIJVER, Gustaaf. Os Kayapó: Separações e Junções dos grupos do Norte: Revista de Atualidade Indígena, Brasília, 3(12): 9-16.

———. Enquête ethnographique chez les Indiens Kayapó-Mekrãgnoti; contribuition à l'étude des groupes locaux (scissions et regroupements). Tese de Mestrado apresentado à École des Hautes Étudeseen Sciences Sociales, Paris.

VIDAL, Lux B. Morte e Vida de uma Sociedade Brasileira: Os kayapó - X Xikrin do Rio Cateté. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. p.

VILLAS BOAS, Índios ainda desconhecidos vivem isolados no Xingu. Revista de Atualidade Indígena, Brasília, 3(15): 35-40.

ZARUR, George. Parentesco, Ritual e Economia no Alto Xingu. FUNAI, Brasília, 95 p.

Acervo ISA

Belém, 25 de junho de 1980

Ilmo. Sr.
Dr. Sergio Alex de Almeida
M.D. Planejador Ambiental
Consórcio Nacional de Engenheiros Consultores, S.A. - C.N.E.C.
São Paulo - SP.

Prezado Senhor,

Conforme solicitação de V.Sa., estamos lhe enviando o trabalho de natureza / preliminar acêrca das populações indígenas da Bacia Hidrográfica do Rio Xingu - " Grupos Indígenas da Bacia do Xingu - Informes Preliminares ", coordenado pela Dra. Lux Vidal e por mim. Este trabalho foi encaminhado ao Dr. Dalmo de Abreu Dallari para a emissão do parecer jurídico sôbre a questão, devendo o mesmo ser anexado àquêle. Este parecer se constitui em peça de suma importância para a complementação de " Grupos Indígenas da ... " e os elaboradores destes informes preliminares somente aceitam a sua publicação se o mesmo for publicado " in totum ", incluindo-se o parecer jurídico.

Por outro lado, cabe-nos solicitar a V.Sa. o providenciamento de sete cópias do mapa (em anexo ao referido trabalho), devendo elas ser enviadas à Divisão de Antropologia do Museu Emilio Goeldi à nossa pessoa. Salienta-se ainda que o grupo elaborador não aceita qualquer forma de gratificação.

Atenciosamente,

Antonio Carlos Magalhães
Museu Emilio Goeldi